

Entrevista com Luiz Fernando Coelho de Souza

Entrevista: José Antônio dos Santos | Transcrição da entrevista: Bruna Andrade

Revista da Extensão: Professor Coelho, para iniciar a nossa entrevista, nos fale um pouco sobre a sua trajetória escolar e da influência da sua família na sua formação.

Professor Luiz Fernando Coelho de Souza: É uma longa história. Nasci em Caçador, Santa Catarina, e com dois anos perdi meu pai, médico da cidade. Houve uma epidemia de febre tifóide em Caçador e, como ele era o único médico, veio a falecer. Assim, eu não o conheci. Cresci em Caçador e, com idade para ir à primeira escola, fui para Concórdia [SC], onde uma tia muito querida matriculou-me na que hoje se chama Escola Estadual Professor Olavo Rigon. Mais tarde, junto com minha Mãe e irmãs fomos morar em Passo Fundo [RS], onde estudei no Grupo Escolar Fagundes dos Reis. Casando-se minha Mãe, em segundas núpcias, mudamo-nos para Porto Alegre onde continuei meus estudos no Grupo Escolar Floriano Peixoto. Estive interno no Colégio Alberto Torres, em Lajeado [RS], terminando o curso científico no Colégio Farroupilha, em Porto Alegre. Sendo o filho homem, minha Mãe guardara para mim os livros e até mesmo o ferramental do meu Pai na expectativa de que eu também viesse a ser médico. Não era esta, porém, minha vocação. Mesmo assim, fiz dois vestibulares para a Medicina sendo, em ambos, reprovado.

RE: A sua vocação profissional não era ser médico, mas alguma coisa devia apontar para a Faculdade de Agronomia.

Professor Coelho: Desde criança, junto aos meus avós maternos, mantive contato com o campo e vivi no meio rural. Ali eu me encontrava. Fiz vestibular para agronomia na UFRGS. Fui aluno, professor, e me realizei profissionalmente como engenheiro agrônomo.

RE: Como foi o início da sua carreira como professor universitário?

Professor Coelho: Formado engenheiro agrônomo, eu fui trabalhar em Santa Catarina em reflorestamento. Foi uma experiência muito rica. Neste meio tempo recebi do professor Newton Martins, titular da área de mecanização agrícola da Faculdade de Agronomia, de quem havia sido monitor, convite para fazer concurso e ingressar na UFRGS. Entrei na Universidade como Auxiliar de Pesquisa, fiz concurso para professor Assistente e iniciei minha carreira docente. Era o início da atividade numa área em que sempre, muito me realizei.

RE: A extensão rural é muito desenvolvida nos cursos que trabalham no campo, como é o caso da agronomia, quando se deu a sua iniciação na extensão universitária?

Prof. Coelho: A extensão universitária sempre foi vista por mim, desde os tempos de estudante de agronomia, como parte importante da minha formação. Apesar de, no meu tempo de aluno, o estágio curricular não ser obrigatório, eu fiz estágios

“O ensino, a extensão e a pesquisa são constituintes de uma base única de sustentação da universidade. Como se fosse uma base de concreto, onde cimento, areia e brita, seriam extensão, ensino e pesquisa, que depois de formado o bloco, confunde-se, não mais se diferenciam um do outro”.

durante todas as férias a fim de manter o contato com a realidade do extramuros da Universidade. Levei a experiência adquirida nos estágios junto a produtores rurais mais tarde para minhas aulas, todas elas ministradas na Estação Experimental Agrônômica [EEA/UFRGS]. Fazíamos aulas teóricas pela manhã e extensas aulas de campo à tarde, testando e validando o ensino teórico. Esta prática era muito bem aceita pelos estudantes e continua, até hoje, como marca da Disciplina de Mecanização Agrícola. Na época, inovamos com o apoio e a competência da equipe formada pelos professores Newton Martins, Darcy Abreu, Helio Ramos Bemfica e eu. Discutia-se ali, no campo, não apenas a técnica, mas “reformava-se o mundo” desenvolvendo nos estudantes a consciência de que a universidade não trabalha com fórmulas prontas, ela nos dá as ferramentas para que consigamos entender, interpretar e fazer valer o conhecimento junto ao mundo que nos cerca.

RE: Em pleno regime militar essa experiência pedagógica inovadora não deve ter sido muito bem vista.

Professor Coelho: Sim, foram tempos difíceis. Em 1977, desgostoso com os acontecimentos resolvi sair da universidade. Foi um tempo crítico. Demiti-me da universidade e fui trabalhar na iniciativa privada. Retornei, em 1985, quando o professor Aino Victor Àvila Jacques assumiu a direção da Faculdade de Agronomia e me convidou para reassumir a docência. Resisti, mas acabei voltando e reassumi a minha antiga área de mecanização que estava meio à deriva desde que saí.

RE: Em sua opinião, quais são as diferenças e o que possuem em comum extensão rural e extensão universitária?

Prof. Coelho: Extensão rural e extensão universitária são coisas muito diferentes. A primeira leva o conhecimento até àqueles que dele necessitam, estendendo-o, no caso, ao produtor. A extensão universitária promove o diálogo entre os saberes acadêmico e popular. Há trocas e, destas trocas gera-se o conhecimento que alimenta e qualifica o ensino e a pesquisa e, junto à sociedade, contribui para sua transformação, desenvolvimento e melhoria econômica, social e ambiental. O que ambas têm em comum é o fato de aproximar universidade e sociedade.

RE: A sua atuação como professor sempre foi preocupada com a formação dos residentes?

Professor Coelho: É uma história interessante e que tem tudo a ver com a visão da extensão que, acredito, faz parte do meu DNA. Tínhamos um pequeno grupo, no Departamento de Solos, encabeçado pelo saudoso professor José Germano Stammel. Neste grupo discutíamos, sobre agronomia e formação do Engenheiro Agrônomo, preocupados, não apenas com a técnica em si, mas com seus reflexos na sociedade, em especial no meio rural. Preocupava-nos a insegurança que acomete aos recém-formados ao enfrentar pela primeira vez o exercício profissional. Acreditávamos que os formandos de agronomia tivessem a possibilidade de exercitar a profissão amparados pela Universidade, isto lhes daria segurança e a oportunidade de avaliar sua formação. Criamos então, com o apoio de todos os departamentos que atuavam no Curso de Agronomia, uma disciplina voltada para os formandos, denominada Planejamento de Uso da Terra. Hoje é Planejamento Agrônômico Integrado [PAI]. Nesta disciplina, os formandos deveriam planejar agronomicamente uma propriedade rural por nós escolhida e que tivesse problemas de gestão, de uso inadequado dos recursos naturais, sem acesso à tecnologia. A

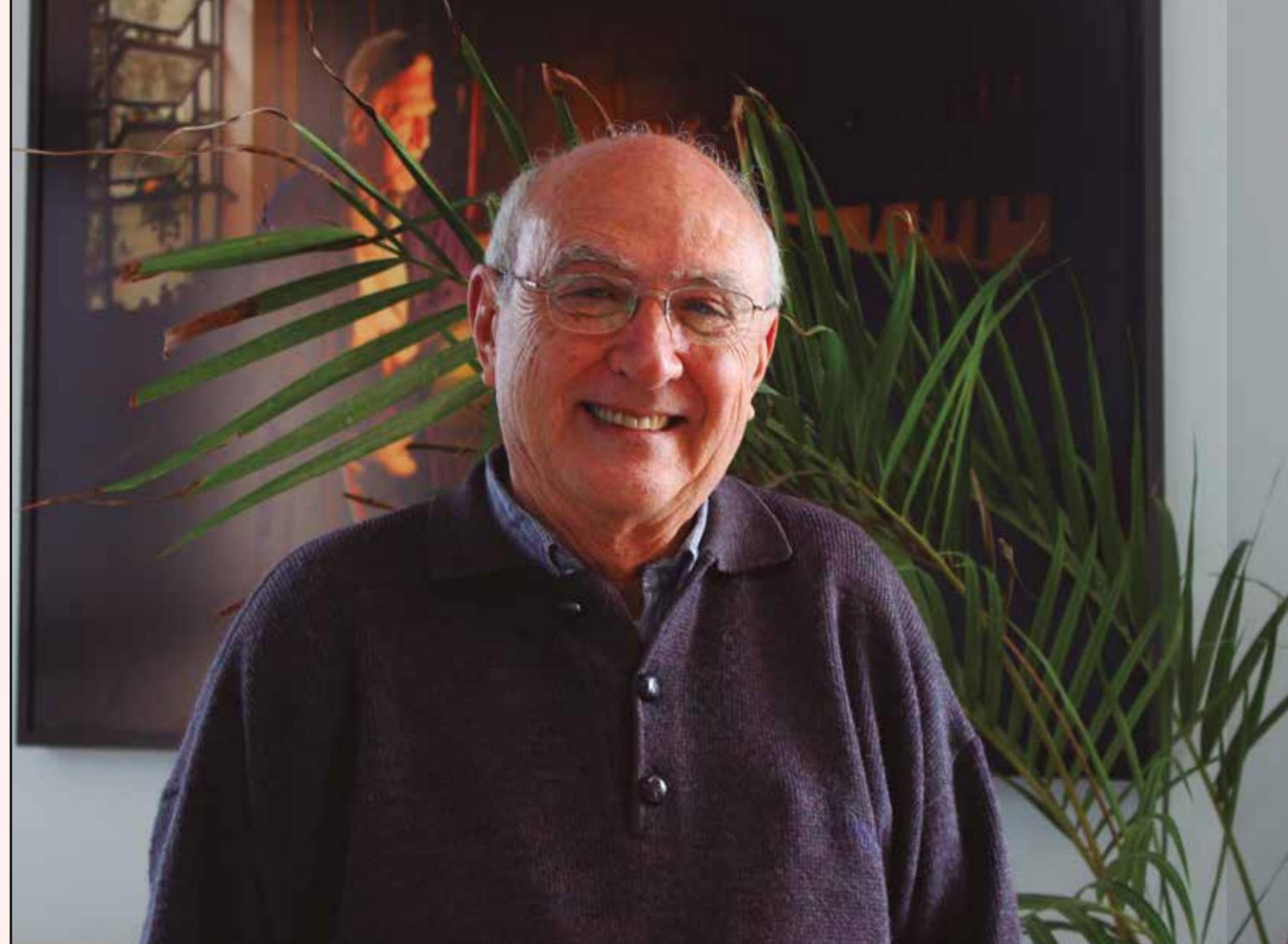


Foto: Alessandra Werlang

Disciplina propunha-se a que os formandos ensaiassem o exercício profissional assistidos pelos professores e seus colegas. Os resultados foram muito bons. Aquela ansiedade e medo do primeiro contato com a realidade profissional, comum a todos os formandos, ficaram diminuídos e a confiança restabelecida. A Disciplina está hoje em seus 23 anos de existência, sempre aguardada com grande expectativa pelos estudantes. Surgiu daí a ideia da “Residência Agrônômica”. Semelhante àquela existente nos cursos de medicina. As dificuldades foram grandes. Tivemos um projeto aprovado no Ministério de Desenvolvimento Agrário [MDA] que nos garantiu recursos para bolsas aos alunos recém-formados. Infelizmente, apenas uma edição foi implantada e concluída. Mudou-se o Ministério, mudaram-se as prioridades. Ficou o sonho.

RE: Por definição, era uma atividade de extensão rural, me parece. O projeto atingiu quantos estudantes e quais as comunidades que foram acompanhadas pelos residentes?

Professor Coelho: Começamos a trabalhar em 04 assentamentos rurais do Rio Grande do Sul, contamos com o apoio dos professores da Faculdade de Agronomia e a participação de, aproximadamente, 30 estudantes. Foi uma experiência muito rica. Eventualmente, encontramos alguns formados na época, que dizem: - “Professor, que experiência fantástica foi aquela. Nós conseguimos trabalhar no planejamento e realizar o projeto em diálogo contínuo com as comunidades de assentados. O que enriqueceu enormemente a nossa bagagem de conhecimentos e a capacidade de atuar como profissionais”. A

experiência foi exitosa, mas de repente faltaram recursos para a manutenção do projeto. O MDA mudou de ministros e esse projeto foi esquecido. Nós necessitávamos fundamentalmente de recursos para pagar bolsas para os residentes, que eram profissionais já formados e tinham que ter um mínimo de ganho para se manterem. A proposta desapareceu, mas valeu muito a experiência. Quem sabe um dia volta?

RE: Experiências como essas, que o senhor teve como professor e agrônomo, inicialmente, e depois como Pró-Reitor de Extensão, devem ter contribuído na sua atuação como gestor. Fale-nos sobre a sua gestão à frente da PROEXT.

Professor Coelho: Todas essas experiências me realizaram muito. Eu sempre digo que a extensão universitária é um espaço mágico. Abriram-me os olhos, a mente e o coração para toda a universidade e seu extramuros. Sempre acreditei que nada se faz sozinho. Sempre haverá o apoio, a crítica, a presença de alguém para caminhar junto. Assim, ao assumir a Pró-Reitoria, trabalhei, como de costume, com todos. Professores, técnico-administrativos e alunos faziam parte da estrutura. Trabalhamos juntos. Procurei valorizar todos os segmentos buscando colocar nas diferentes posições, independentemente de serem professores ou técnicos, aqueles mais indicados, mais vocacionados, mais comprometidos. Tivemos sucesso, acredito que juntos fizemos um bom trabalho, deixamos frutos que, parece-me, até hoje estão sendo colhidos.

RE: A sua atuação como Pró-Reitor de Extensão, no período de 1996 a 2001, colaborou para o reconhecimento da extensão universitária na UFRGS de que forma?

Professor Coelho: Acredito que contribuimos, mas tudo depende do entendimento que temos da extensão. Eu acho que consegui consolidar mais, dentro da universidade, a ideia que a extensão universitária é algo extremamente importante. Tenho a convicção de que o ensino, a extensão e



Foto: Alessandra Werlang

a pesquisa não são apenas o tripé de sustentação é, isto sim, constituinte de uma base única da universidade, como se fora um bloco de concreto, onde cimento, areia e brita, seriam extensão, ensino e pesquisa, e que depois de formado o bloco, não se diferenciam mais um do outro. Trabalhamos este sentido em toda a UFRGS. Desenvolvemos programas de extensão envolvendo diferentes unidades, aproximando cursos, docentes, técnicos, alunos. Buscamos sempre a inter e a multidisciplinaridade. Fomos criticados por alguns no sentido de que a Pró-Reitoria fazia extensão em detrimento das unidades, tirando-lhes sua autonomia. Não foi o que aconteceu, as iniciativas das unidades foram apoiadas e chamadas a participar de projetos maiores, sem perder as especificidades, mas convivendo e partilhando saberes com as demais. A extensão, assim, cresceu e alcançou grande dimensão, ocupando espaços, aproximando pessoas. Até hoje, ao encontrar alunos, técnicos e professores

que participaram dos projetos, ouço palavras que retratam o encantamento, a alegria por ter participado, o relato das boas conseqüências em suas carreiras profissionais, as alterações para melhor, em suas percepções da vida.

RE: Quais foram as principais iniciativas da sua gestão como pró-reitor?

Professor Coelho: Ao assumirmos a Pró-Reitoria o fizemos com a forte intenção de manter e, se possível, ampliar e qualificar ainda mais os bons projetos implantados e desenvolvidos pelas gestões anteriores. Assim, mantivemos e ampliamos programas na área social, como o União, com projetos envolvendo trabalhadores rurais, urbanos. O Projeto Extra-Muros, criado em parcerias com outras instituições; programas culturais como Unicultura, espetáculos, mostras de cinema, debates, Projeto OSPA/UFRGS, exposições, mostras debates. Estes projetos, hoje marcas da Universidade, foram incrementados com novas inserções, novos recursos, maior envolvimento. Também lançamos as bases para a instalação do Museu Universitário, reformando-se

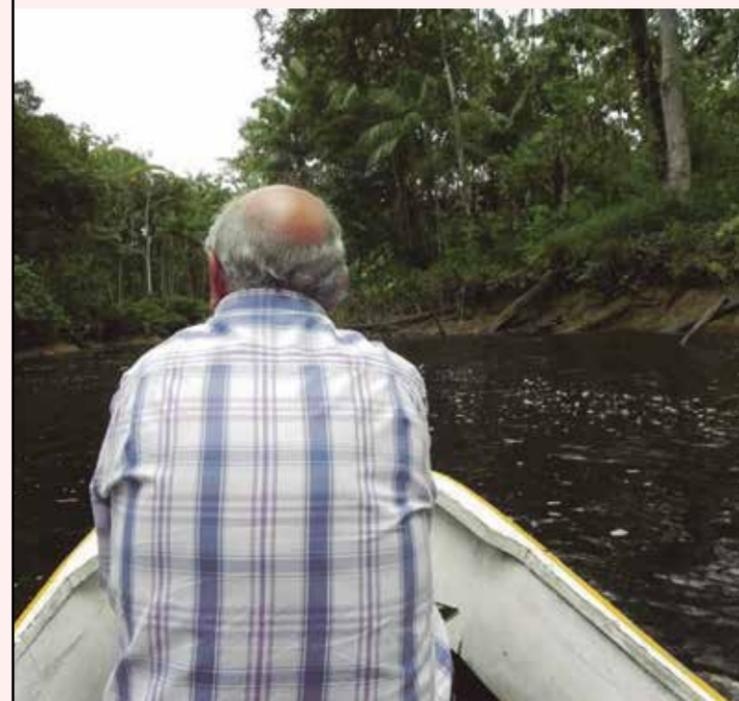


Foto: Acervo do entrevistado

o antigo prédio do curso de Curtumes e Tanantes, e, em janeiro de 1998, foi publicada a primeira revista da Pró-Reitoria de Extensão, denominada Extensão. Pela primeira vez a UFRGS, através da Pro-Reitoria, participou de um estande na EXPOINTER [Exposição Internacional de Animais, Máquinas, Implementos e Produtos Agropecuários], com programa de debates envolvendo produtores rurais, técnicos, políticos e estudantes. Seria difícil enumerar tantas atividades. A PROEXT vivia, por sua grande família, em ebulição. Com as ideias e o apoio de todos aproveitou-se cada oportunidade. As manifestações da extensão universitária passaram a fazer parte de todas as ações, desde a divulgação, promoção, a execução, a discussão, avaliação de cada projeto. A Pró-Reitoria respirava extensão universitária naquela época.

RE: A criação do primeiro Salão de Extensão da universidade, que agora já está na 16ª edição, de certa forma, também foi criado com essa intenção.

Professor Coelho: Exatamente. No momento que as diversas ações extensionistas começaram a dar frutos, que começaram a ter visibilidade, nós vimos a necessidade de criar um palco para isso. E o palco para que tudo isso fosse visto pela sociedade e avaliado pela própria universidade, foi a criação do primeiro Salão de Extensão. Foi muito importante essa primeira edição, eu sou suspeito para falar [risos]. Foi uma experiência muito boa, porque não existia esse tipo de espaço na universidade e nós, com o apoio irrisório da Reitoria, conseguimos criar essa tradição. O primeiro Salão de Extensão foi extremamente rico, com mais de 200 trabalhos, cerca de cinco mil pessoas entre participantes de seminários, oficinas, minicursos e atividades culturais. Para a realização do segundo Salão nós praticamente reformamos o salão de atos da Faculdade Medicina que estava precisando de conservação. Então, com essa segunda edição, nós ganhamos duas coisas: a reforma daquele espaço e o desafio de organizar o segundo Salão.

RE: O senhor teve também atuação reconhecida no Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão, como foi essa experiência?

Professor Coelho: Como pró-reitor de extensão eu representei a UFRGS no Fórum, e fiz parte, como Vice-Presidente, de uma diretoria que desenvolveu um trabalho muito forte para criar o Plano Nacional de Extensão, que estabeleceu linhas básicas para a avaliação da extensão universitária. Foi um esforço de valorização da extensão em todo o Brasil, que, embora, não tenha dado todos os resultados esperados, deixa-me extremamente gratificado em ter participado. Como coordenador da Regional Sul do Fórum, propus um projeto conjunto de extensão que reunisse as universidades do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul numa ação conjunta. Através da UNISOL [Universidade Solidária] conseguimos financiamento para esse grande projeto inédito no Brasil. Na verdade, conseguimos menos da metade dos recursos financeiros que eram necessários e, para a minha satisfação, nenhuma das universidades comprometidas abandonou o projeto e cada Estado executou o seu. Foi uma vitória do trabalho de quem acreditou.

RE: A avaliação da extensão universitária brasileira, atualmente, faz parte fundamental do processo de reconhecimento social e garantia de financiamento dos projetos.

Professor Coelho: Sem dúvida. A atuação no Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão possibilitou-nos uma visão muito boa da extensão que se realizava em todo o país. Nós trabalhamos no plano de avaliação da extensão nacional que contou com a valiosa contribuição do professor Aluí Oliveira Barbisan, da Odontologia, da nossa Universidade. Ele desenvolveu toda a metodologia de avaliação da extensão, que, inicialmente, aplicamos aqui e levamos para o Fórum. Acho que conseguimos plantar algumas sementes, a maior delas foi o Plano Nacional de Extensão.

RE: O que o senhor viu de avanços, daquele período, em termos da extensão universitária que se faz atualmente?

Professor Coelho: Todo aquele trabalho, colocando frente a frente a extensão universitária que se fazia no país, deu visibilidade, respeito e aprovação do que se fazia. Ainda hoje, entretanto, apesar dos muitos ganhos, existem instituições que se valem do nome extensão universitária para realizar ações que nada têm com ela. Em geral, são ações de prestação de serviços cujo fim único é financeiro. A maioria, porém, sabe o que é extensão universitária, sabe que se faz com professores, alunos, técnicos, sabe que é troca de saberes, sabe que é geração de conhecimento. Tenho certeza absoluta, de que na nossa universidade, a extensão é respeitada como geradora de conhecimento no mesmo nível do ensino e da pesquisa. Isso me gratifica porque eu acho que, de alguma forma, eu fiz parte desse processo de valorização da extensão.

RE: O reconhecimento não foi apenas em termos de legislação, foi também de aporte de recursos públicos para a realização de projetos e programas de extensão. Por exemplo, o financiamento via PROEXT [Programa da Extensão Universitária, criado pelo MEC, em 2003], tem investido milhões na extensão universitária brasileira.

Professor Coelho: Posso te garantir que a existência do PROEXT e desses recursos todos, que não são o suficiente, mas existem, são produtos do trabalho exaustivo do Fórum. Sem um Plano Nacional de Extensão Universitária eles não existiriam. Lutou-se com todas as forças, passavam-se dias no MEC [Ministério da Educação] levando chá de cadeira, sendo incompreendidos, mas vencemos. Lembro com muito carinho a figura da presidente do Fórum Nacional, professora Malvina Tuttmann. As atuais gerações de estudantes e professores devem ao seu esforço muito do reconhecimento que hoje tem a extensão universitária.



Foto: Acervo do entrevistado

RE: Dentro dessa perspectiva do caminho a ser trilhado pela extensão, o que o senhor imagina que falta para que a extensão ocupe ainda mais um espaço dentro das universidades brasileiras?

Professor Coelho: Como disse antes, embora minoria, algumas universidades ainda fazem da extensão universitária o espaço onde cabe qualquer coisa. “Se não é ensino ou pesquisa coloca na extensão”, dizem alguns. Felizmente, isto está acabando. O exemplo das universidades que levam a extensão universitária a sério é muito grande. Ainda há, sim, um caminho a ser trilhado mas, com certeza, chegaremos lá.

RE: O caminho de ida da universidade às comunidades tem se dado, mas quanto ao retorno desse conhecimento à universidade há certa resistência. Muitos entendem que o principal local de produção do saber é o interior das universidades.

Professor Coelho: Eu entendo isso como um pensamento pequeno, de quem conhece pouco da vida, de alguém a quem falta a humildade

necessária para aceitar que o saber não é atributo de alguns apenas. O que falta para estas pessoas que assim pensam é a cultura na sua forma mais ampla.

RE: As políticas de ações afirmativas têm colaborado para romper um pouco esse entendimento, porque, de alguma forma, são incorporados outros saberes de estudantes oriundos de culturas e realidades diversas à universidade. Ainda é uma forma muito tímida, vamos levar algum tempo para valorizar saberes que carregam consigo os estudantes indígenas e negros, por exemplo.

Professor Coelho: Certamente. As ações afirmativas estão causando uma verdadeira revolução nas universidades. A presença do índio, do negro com suas diferentes culturas, seus diferentes conhecimentos e saberes enriquecem a universidade, qualificam seu ensino, sua pesquisa, sua extensão. Estas políticas muito tardaram a ser implementadas, perdemos todos com este atraso.



Foto: Acervo do entrevistado

RE: O senhor continua dedicado à extensão universitária mesmo após a sua aposentadoria, em 2001, quais os projetos de que participa atualmente?

Professor Coelho: O trabalho na universidade, principalmente como extensionista, me valeu o prêmio que reputo como o mais importante que poderia receber, - o título de Professor Emérito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Meu trabalho com a extensão universitária continua de forma voluntária. Trabalho com projetos sociais de praticamente todas as universidades brasileiras. Faço isto através do Programa Universidade Solidária do qual sou um dos fundadores. São projetos os mais diversos que vão desde o resgate da abelhinha Melipona, polinizadora do açaí, no Pará, à produção de composto a partir de dejetos de suínos e aves no Rio Grande do Sul. Da criação de peixes no Lago Tupé na Amazônia, ao resgate econômico e cultural das farinhas do litoral do Paraná; da produção de biodiesel para os barcos de pescadores da Praia da Pinheira, em Santa Catarina, à produção orgânica de hortaliças nas áreas de dutos da

Petrobrás, no Rio de Janeiro; da produção de cogumelos no Mato Grosso, à criação de galinhas caipira no Quilombo de Diamantina, em Minas Gerais; da produção e resgate cultural do açúcar mascavo em Viçosa, Minas Gerais, às artesãs da Ilha da Pintada, em Porto Alegre, Rio Grande do sul, e por aí vai. São milhares de comunidades com as quais trabalhamos e aprendemos juntos. Comunidades pobres, algumas totalmente desvalidas, mas extremamente ricas de pessoas, de valores, de afetos, de solidariedades.

RE: De fato, embora a sua aposentadoria, o senhor continua bastante ativo. Na Universidade o senhor tem atuado em alguma instância acadêmica ou administrativa?

Professor Coelho: Sim, eu continuo como professor convidado extra oficialmente, do Departamento de Solos. Atuo como um dos professores da Disciplina Planejamento Agrônomo Integrado, citada anteriormente, da qual sou um dos fundadores. Estas atividades, confesso, são as que me mantêm vivo. ◀